

A MORTE EM CENA: ANÁLISE DISCURSIVA DA METÁFORA NA SÉRIE DICKINSON

Ana Júlia Oliveira Vilela (AC – anajuu.oliver@gmail.com)*¹, Anderson Braga do Carmo (PO)¹.

¹Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75860-000, Quirinópolis, Goiás.

Resumo: A morte, em muitos contextos literários e cinematográficos, é tratada como algo obscuro, amedrontador e indigno de desejo, entretanto, no seriado *Dickinson*, da plataforma de *streaming Apple TV+*, a protagonista Emily Dickinson tem a morte como uma amiga de longa data, e que a visita com a capacidade de poder cessar suas angústias e inquietações. Visto isso, objetivamos compreender os efeitos de sentido que estabelecem um imaginário específico para a morte, a qual compreendemos a partir do conceito de metáfora discursiva proposto por Pêcheux (2009), e elucidado por Joaquinho (2005). Para tanto, efetivamos nossa análise a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Francesa de base materialista, dos quais destacamos os estudos de Orlandi (1984, 2008 e 2010) para a composição do nosso dispositivo de interpretação. A partir das categorias e conceitos da AD, buscamos entender a posição sujeito da protagonista enquanto mulher e escritora no século XIX, assim como seu lugar social enquanto filha, amiga e amante, e como esses lugares sociais influenciam em sua produção poética e nos conteúdos de seus escritos, os quais dialogam muitas vezes com a morte. Dessa forma, ensejamos apresentar as condições de produção que interpelam os sujeitos da trama, os objetos simbólicos presentes no discurso e o funcionamento discursivo da metáfora. Assim, compreender como a história, a ideologia e a linguagem se relacionam foi fundamental para elucidar como os efeitos de sentidos sobre a morte constituem-se em nossa materialidade de análise, proveniente do universo televisivo e literário.

Palavras-chave: Emily Dickinson. Série. Morte. Metáfora. Análise de Discurso.

Introdução

Esse estudo busca analisar o imaginário sobre a morte na série de comédia e drama histórico *Dickinson*, disponível na plataforma de *streaming Apple TV+*, a qual explora de forma descontraída a vida e a obra da poetisa Emily Dickinson.

Emily Dickinson foi uma escritora norte-americana pouco conhecida em vida, mas que hoje é considerada uma das figuras com maior importância na América do Norte. Muito conhecida por seus poemas melancólicos e com elementos que trazem a morte como temática principal, Dickinson foi uma autora que viveu além de sua época, e que foi julgada e criticada em vida por ser uma mulher escritora no século XIX, sobretudo, pelo teor de seus escritos, que muitas vezes trazia a morte como principal tema. Já as poesias de amor, estas foram negligenciadas pelo público que as liam e até hoje são, muitas vezes, tiradas de contexto, visto que ainda existe um preconceito ou negação de seu real destinatário.

Entretanto, atualmente temos discussões acerca da pessoa a quem Emily dedicava seus poemas de amor, que por apagamento da história da autora, dizia-se

ser um homem casado e por isso a ideia de amor proibido que Dickinson tanto citava em suas produções. Todavia, a partir de cartas e dedicatórias no nome de Susan Gilbert, hoje se sabe que Emily e sua amiga, mas também cunhada, mantinham uma relação afetuosa, mesmo antes da amada se casar com seu irmão.

Após sua morte, foram encontrados em seu quarto cerca de 1800 poemas, sendo mais de 300 deles dedicados à sua amiga, Susan Gilbert, nos quais ela fala de alguém que tanto ama, mas que por diversas razões configura-se como um amor que não pode se concretizar. Apesar disso, ainda existem estudiosos que negam a existência de uma relação entre as duas, colocando que a autora era na verdade apaixonada por um homem casado. Nesse quesito, vemos a importância de se discutir sobre o tema e abriremos os olhos para esta realidade concreta da identidade da escritora, olhando para sua produção e mantendo vivo seu legado e a sua verdade.

De fato, existem muitos motivos para que Emily se isolasse nos últimos 20 anos de sua vida, mas será que a evidência desse amor recíproco, porém impossível para a época, tem relação com a presença do elemento da morte em seus mais famosos poemas? Como discursivamente essas representações são trabalhadas e apresentadas na série *Dickinson*?

Visto isso, essa pesquisa teve como objetivo geral compreender o funcionamento de sentidos sobre a morte, por uma articulação entre este decesso, não só com o amor, mas também com as diversas regularidades discursivas presentes no seriado e, dessa forma, estabelecer uma linha de relação entre essas regularidades e o sentimento mórbido.

Para tanto, mobilizamos em nosso estudo os pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso francesa de base materialista, a qual busca “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico” (ORLANDI, 2010, p.15), logo, o analista relaciona sempre a linguagem à exterioridade, a fim de encontrar as regularidades da linguagem em sua produção. Visto isso, os estudos de Orlandi (1984, 2004 e 2010) foram fundamentais para o embasamento teórico da nossa pesquisa, servindo de alicerce para a constituição do nosso dispositivo de análise.

Os objetivos específicos da nossa pesquisa, então, concentram-se em: a) identificar as regularidades discursivas manifestadas no discurso da personagem Emily, a partir das posições-sujeito mulher, escritora, amante, irmã e filha; b) entender

o papel das condições de produção na determinação de um imaginário feminino para a protagonista; c) apreender o funcionamento das formações discursivas no processo de silenciar os desejos e as ações da personagem; e d) compreender o papel discursivo da metáfora na constituição dos sentidos que estabelecem um imaginário sobre a morte por parte de Dickinson.

Mediante isso, nossa análise permitiu verificar que a negação de um casamento, o peso dos afazeres domésticos, o entendimento da protagonista enquanto escritora, os conflitos familiares e a paixão internalizada são elementos que devem ser tratados em seu funcionamento simbólico, ou seja, na compreensão de que o gesto de leitura não é óbvio, nem transparente, e que deve sempre se estabelecer a partir da relação entre língua, sujeito, história e ideologia.

Considerações Metodológicas

Para realizar a nossa análise, a pesquisa apoiou-se nos pressupostos de Orlandi (2004 e 2010), os quais incidem em refletir sobre a relação entre sujeito, história e ideologia, e como está se faz presente na determinação dos efeitos de sentido presentes no discurso, seja no funcionamento simbólico da significação, seja na manifestação das formações discursivas em jogo. Assim, destacamos a metáfora como categoria de observação, a qual será analisada no contexto da série a partir do lugar social (ORLANDI, 1984) empreendido pela protagonista.

Elegemos a Análise de Discurso como dispositivo teórico, posto que essa área “interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letra, etc.” (ORLANDI, 2010, p. 62), desse modo, a nossa materialidade de análise, uma série que circula em uma plataforma de *streaming*, foi compreendida em sua completude, visto que a produção de sentidos também se faz entre o batimento do verbal com o não verbal. Nessa direção, não só o que se diz, mas o como se diz (ORLANDI, 2010, p. 65), e em qual esfera de circulação a materialidade se faz presente foram aspectos analisados.

No processo de análise empreendido, o conceito de condições de produção foi uma categoria mobilizada de forma fundamental. De acordo com Orlandi (2010, p. 30): “podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. Em um sentido amplo as

condições de produção incluem o contexto sócio histórico e ideológico”. O conceito de condições de produção é, assim, essencial para se compreender a relação entre o sujeito e o funcionamento simbólico da linguagem e dos acontecimentos, visto que a história e a memória se relacionam ao imaginário estabelecido pelos sujeitos.

Por se tratar de uma obra baseada em fatos ocorridos no século XIX, apresentada agora ao telespectador do século XXI, verificamos que o conceito de condições de produção foi significativo para se compreender o drama vivenciado pela protagonista, que é vítima de uma sociedade machista, misógina e preconceituosa. A maneira como a memória faz valer o embate de contextos também é algo a ser considerado pra que possamos interpretar Dickinson enquanto uma mulher questionadora dos papéis sociais estabelecidos pela família e pelas instituições que organizavam a sociedade da época.

Outra categoria que mobilizamos neste estudo foi a de formação discursiva a qual representa a manifestação das formações ideológicas. Segundo Orlandi (2010, p. 43), “as formações discursivas podem ser vistas como regionalidades do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações”. Desse modo, trata-se do espaço no qual se dá a constituição dos sentidos por meio do processo de tomada da palavra pelo sujeito.

Para Orlandi (2010, p.43), a formação discursiva se define como “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. Portanto, compreendemos que os sentidos sempre são determinados ideologicamente e, nessa direção, buscamos entender quais formações discursivas são mobilizadas no capítulo da série selecionada, visto que estamos analisando recortes discursivos que contemplam os dilemas da protagonista na interação com outras personagens.

Para a AD, todo processo discursivo supõe o funcionamento de formações imaginárias, que são compostas por uma série de projeções sociais que se manifestam pelo dizer. As formações imaginárias, assim, projetam-se na relação do sujeito com as condições de produção, os atravessando. É dessa forma, que buscamos analisar a “morte” presente na série, como algo constituído metaforicamente enquanto uma personagem. Segundo Arruda:

[...] a verdade é que a força de Dickinson não está em nos contar como cada poema aconteceu, mas em tirar deles – o registro mais importante e longo da vida de sua protagonista – a história de uma mulher que realmente viveu. Em pequenas coisas como o amor dela pelas flores, plantas e abelhas (alucinadas ou não) em seu jardim, na ironia mordaz de seus versos ou na obsessão com a morte e a rejeição da fama como a entendemos, a série incorpora o corpo de trabalho de Emily na própria fábrica de sua produção e se torna indivisível da mesma. (ARRUDA, 2022)

Desse modo, o elemento da morte, que é constitutivo dos poemas da escritora, acompanha a personagem em vários momentos de agonia e sofrimento na série. Sendo a produção da autora altamente influenciada por suas figuras de representação, podemos dizer que se torna impossível não falar de morte na série, da mesma forma que não se pode silenciar este sentimento em sua poesia. A não adequação do sujeito com a sociedade da época e a imposição desta sobre o corpo e os sentimentos da autora, são os aspectos que aproximam a personagem do sentimento mórbido, visto na série como um companheiro de desilusão e dor.

Entender a morte como uma metáfora é interpretar que ela não funciona no discurso seriado enquanto algo literal. Trata-se, portanto, de uma representação. Visto isso, a morte concebida como metáfora é vista como um processo de construção de sentido que ressignifica a pulsão de morte presente na obra da escritora. Segundo Joaquinho (2005):

A metáfora é sedutora. Propõe jogos de sentidos, descreve oposições/dualidades, oferece contrastes: presença/ausência, identidade/diferença, analogia/semelhança, substituição/troca, transporte/transferência são alguns dentre os múltiplos conceitos mobilizados pelas teorias que tentam explicar este fato de linguagem. (JOAQUINHO, 2005, p. 24).

A metáfora, assim, é compreendida pela autora como um sentido transportado, desviado de seu percurso original (JOAQUINHO, 2005, p.24). A morte, então, é vista como um objeto de representação do desejo da personagem, o que nos indicia um deslizamento de sentidos, de transferência, o qual queremos compreender com a realização dessa pesquisa.

Na série, a morte aparece na figura de um homem negro muito elegante, que usa roupas pretas, cartola, bengala, que está sempre fazendo uso de uma bebida alcoólica ou cigarro, e que passeia pelo mundo em uma carruagem também preta,

puxada por cavalos compostos por névoa. Essa figura costuma aparecer em momentos nos quais Emily se vê sozinha e incompreendida, tendo que fazer coisas que ela não gostaria por uma imposição social e familiar, ou em momentos que ela questiona seu lugar no mundo.

Desse modo, a morte abriga sentidos que contrapõem as imagens de luto ou de tristeza costumeiramente impostas pelo signo enquanto elemento da língua, visto que inaugura um lugar inusitado para se observar os sentidos de forma simbólica, na qual o efeito metafórico liga língua e sujeito pelo equívoco materialmente representado. Enfim, os efeitos de sentido são dotados de opacidade e é nessa direção que constituímos o nosso gesto de leitura.

Resultados e Discussão

Então, apresentados os contornos do nosso dispositivo de análise, passemos a apreender o funcionamento das formações discursivas no processo de silenciar os desejos e as ações da personagem, e compreender o papel discursivo da metáfora na constituição dos sentidos que estabelecem um imaginário sobre a morte por parte de Dickinson.

Desde os primórdios, o ser humano busca entender e refletir sobre a morte. Esse fenômeno definido como “fim da vida humana”, “cessação completa”, “falta de existência” e também com diversos sentidos figurados, assusta e intriga muitas pessoas, estando presente em reflexões filosóficas, científicas, culturais, artísticas e religiosas, visto que, é um tema de natureza de caráter humano universal. Entretanto, para Emily Dickinson, a morte carrega significações e produz sentimentos que emanam uma certa positividade ao sentir-se próxima ou pensar na figura apresentada que, na série, desbanca o imaginário que temos de representação da morte em forma física, como uma caveira encapuzada que carrega uma foice. Nos episódios de *Dinckinson*, a Morte¹ é representada na figura de um homem negro, super elegante e fino, que veste uma casaca preta, sapatos sociais, cartola, bengala e além disso, possui piercings, tatuagens e porta acessórios, se mostrando como um elemento

¹ Designaremos Morte com inicial em maiúscula por se tratar na série de um personagem.

sedutor e não amedrontador, como está presente no imaginário humano de uma forma geral.

Figuras 1 e 2: Ilustração da morte na série Dickinson



Fonte: Apple TV+ (2019)

Ademais, esta figura está sempre fazendo uso de uma bebida alcoólica ou cigarro, e passeia pelo mundo em uma carruagem também preta, puxada por cavalos compostos por névoa. A morte costuma aparecer em momentos nos quais Emily se vê sozinha e incompreendida, tendo que fazer coisas que ela não gostaria por uma imposição social e familiar, ou em momentos que ela questiona seu lugar no mundo. Como no exemplo abaixo:

Sequência discursiva 1



Fonte: Apple TV+ (2019)

A sequência discursiva acima possibilita um entendimento inicial sobre o papel social que Emily ocupa e como a morte se mostra como um amigo para a protagonista, enquanto o mundo vira as costas para seus sonhos. Sendo assim, no recorte I, é possível observar pelo contexto apresentado na série, que Emily é obrigada a realizar trabalhos domésticos e se mostra atormentada por essa imposição social,

questionando o porquê de seu irmão não poder fazê-los. Aqui, percebemos um traço das formações ideológicas e socioculturais presentes na sociedade do século XIX, na qual era baseada nos interesses masculinos. De acordo com Tiburi (2018, p.66), a mulher é vista como “o ser marcado para servir ao mundo do privilégio patriarcal”. Sendo assim, o lugar social ocupado pela protagonista nessa cena é de servir à família, realizando os serviços que eram considerados “coisa de mulher”, assim, a poetisa pensa pela primeira vez no verso “Porque eu não pude para a morte”.

Em continuidade, no recorte II, Emily recebe a notícia de que seu irmão irá se casar com Susan, que além de ser sua grande amiga, era com quem mantinha um caso amoroso. Ao se encontrar sem chão, ela pensa novamente no verso “Porque eu não pude para a morte”, tendo que reprimir seus sentimentos por, mais uma vez, pertencer a uma sociedade misógina que não aceitaria um relacionamento que fugia das normas padrão impostas para o período, tanto na visão da sociedade, mas também da igreja, visto que Emily pertencia a uma família protestante ativa.

No recorte III, a autora conta para o pai que um de seus poemas foi publicado na revista de uma faculdade e ele não recebe de bom grado a novidade, fazendo manifestar mais uma vez um discurso marcado de machismo e calcado no patriarcado.

Assim, como podemos ver no recorte IV da sequência discursiva 1, Emily vai buscar aconchego na morte, a qual compreendemos como uma metáfora discursiva. Para Emily, a única solução para os problemas da época manifesta-se pelo desejo da personagem em morrer, tal como manifesta-se em seus poemas. Assim, ser uma figura sedutora foi algo aproveitado pelos autores da série para a discursivização desse sentimento. Vejamos, agora, a sequência discursiva 2:

Sequência discursiva 2



Fonte: Apple TV+ (2019)

Assim, a partir da sequência acima percebe-se que o pai de Emily ocupa uma posição sujeito machista, atravessada por suas formações ideológicas, as quais deslegitimam a conquista da filha, pois no século XIX as escolas para mulheres eram alvo de muitas críticas e a situação se agravava em relação a publicações feitas por mulheres no período, podendo levar, como visto na legenda, a família à uma humilhação pública por permitir tal ato.

Também se observa que o pai a obriga a limpar a sala de jantar e a cozinha sozinha. Esse gesto, além de punitivo para o contexto, volta a mostrar qual era o lugar social que a mulher deveria ocupar na época, com base nos aparelhos ideológicos do Estado, a partir da leitura materialista de Pêcheux.

Após esse acontecimento, Emily não somente pensa na morte, mas vai de encontro a ela. Assim, nesse colo, a poetisa encontra um aconchego para os problemas da vida, pois a morte se mostra acolhedora e é a única que dá a Emily o apoio que ela precisava naquele momento, constituindo-se enquanto um imaginário que não se espera dessa representação.

Considerações Finais

A pesquisa ainda se encontra em desenvolvimento, sendo assim, ainda há muito para se discutir. Entretanto, conclui-se que a morte se constitui como um reflexo da metáfora discursiva pensada por Emily, que é produto do que é imaginado pelo sujeito e constitui-se significativamente como uma figura amistosa para a protagonista, que vivencia um mundo opressor e que não a cabe. Assim, o uso dos recortes foi essencial para a constituição da análise e para o entendimento da posição sujeito da protagonista, atravessada por aspectos históricos, ideológicos e de gênero.

Agradecimentos

Ao meu orientador pelos direcionamentos, atenção, paciência e transmissão de segurança, às minhas colegas de sala pela parceria e apoio e a mim mesma pela força na constituição do trabalho.

Referências

ARRUDA, Gabriel. As verdades oblíquas de Dickinson. In: **Persona - jornalismo cultural**, Unesp. 2022. Disponível em: <<https://personaunesp.com.br/dickinson-3a-temp-critica/>>. Acesso em: 21 dez. 2022.

BAUER, Martin. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. São Paulo: Vozes, 2000.

FERREIRA-LEANDRO, Maria Cristina. **Glossário de termos do discurso**. Campinas: Pontes, 2020.

JOANILHO, Mariângela Peccioli Galli. **As metáforas da língua nacional**. 2005. 227 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/296839004.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum – para todas, todes e todos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 9. ed. Campinas: Pontes, 2007, 2010.

_____. **Discurso e leitura**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Segmentar ou recortar. In: **Linguística: questões e controvérsias**. Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, Uberaba, 1984, p. 9-26.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Orlandi. 4 ed. Campinas: Unicamp, 2009.